

AGENDA OU DIÁRIO: PROBLEMATIZANDO AS ESCRITAS ORDINÁRIAS

LETICIA SELL STORCH¹; VANIA GRIM THIES²

¹Universidade Federal de Pelotas – leticiastorch@outlook.com

²Universidade Federal de Pelotas – vaniagrim@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho faz parte de um projeto de pesquisa intitulado “Cultura Escrita e Educação do Campo”, registrado na Pró Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG, nº 6809) da Universidade Federal de Pelotas e desenvolvido no Grupo de Pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (HISALES – PPGE/FaE/UFPEL). O referido grupo possui seis importantes acervos para a pesquisa educacional¹.

A pesquisa aqui apresentada está sendo desenvolvida em um dos acervos do Grupo Hisales, o acervo das Escritas Pessoais e Familiares. Este acervo é composto por diários, cartas, lembranças de batismo, cadernos de receitas, agendas, entre outros materiais. Neste trabalho os objetos de estudo serão quatro agendas, que foram utilizadas como suporte de escrita, mas que ultrapassam seu uso convencional e se aproximam da escrita de um diário. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é descrever estas agendas, tanto na sua materialidade, como no seu uso, problematizando os registros pessoais/profissionais, levando em consideração o contexto na qual foi produzida: escrita por uma mulher, pomerana, moradora de zona rural.

A escrita tem se tornado, cada vez mais, alvo de pesquisadores e, em especial, as escritas pessoais, têm tido grande relevância para os estudos da cultura escrita e mesmo da história da educação. Como afirma GOMES (2004):

É cada vez maior o interesse dos leitores por um certo gênero de escritos - uma escrita de si -, que abarca diários, correspondência, biografias e autobiografias, independentemente de serem memórias ou entrevistas de história de vida, por exemplo. (GOMES, 2004, p. 7)

São justamente essas escritas corriqueiras que de tão supérfluas para quem escreve, podem mostrar muito mais do que se imagina, pois além da escrita momentânea existe um espaço, um tempo, um suporte, um sentimento e tantos outros elementos envolvidos que determinam um ato de escrever, cheio de significados.

Daniel Fabre (1993) denominou esse tipo de escritas como escritas ordinárias, sem qualidade científica e sem a finalidade de consagrar seu autor, mas, aquelas que têm a função de deixar os traços do fazer cotidiano.

2. METODOLOGIA

Para este trabalho utilizamos quatro agendas, que foram coletadas na casa da autora, e posteriormente doadas ao Grupo de Pesquisa Hisales.

G. M. V.², a autora destas agendas, mora na zona rural de Arroio do Padre/RS, na localidade de Cerrito, tem quarenta e sete anos, é casada e tem dois filhos.

¹ Para mais informações acessar o site www.ufpel.edu.br/fae/hisales/.

² Serão usadas somente as iniciais do nome da autora das agendas.

Frequentou a escola até a quinta série, mas há alguns anos terminou o nível médio pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Atualmente é dona de casa, o marido é mecânico e os filhos agricultores, mas G. M. V. já atuou em diversos locais: como conselheira tutelar, agente de saúde e como agricultora, mantendo sempre o trabalho na lavoura, mesmo quando exerceu os trabalhos fora da propriedade da família. Além disso, faz diversas atividades, tais como: artesanatos, corte de cabelo e empenha-se em trabalhos com a comunidade religiosa, pois dá aulas de música, é regente do coral e, ainda, toca teclado e violão no grupo de jovens.

As agendas que iremos descrever são dos anos de 1999, 2003, 2005 e 2008, todas ainda em bom estado de conservação, fabricadas em material de boa qualidade, com formatos e aspectos parecidos com os mais comuns encontrados hoje no mercado, com capas coloridas e enfeitadas com adesivos. Por estarem bem conservadas entende-se que também foram bem guardadas e que tinham um valor simbólico para a pessoa que as guardou.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como quem escreveu nas agendas foi sempre a mesma pessoa, elas apresentam várias características em comum: todas possuem folhas soltas em seu interior, dentre elas, notas fiscais, folhetos religiosos, receitas médicas, folhas com recados, convites, etc.; aniversários de parentes ou amigos são anotados; versículos bíblicos também aparecem escritos nas agendas com bastante recorrência, o que supõe que ela fosse uma leitora assídua da bíblia também. Isso é um fato bastante interessante de ser notado, pois, nesse caso, o registro escrito exige uma leitura prévia. Dois atos imbricados, pois como afirma THIES (2008, p. 50) “Na história da cultura escrita, leitura e escrita não podem ser práticas separadas”.

Em todas as agendas estão anotadas as datas de compromissos, mas também em todas elas há anotações de assuntos pessoais e relatos do dia a dia, onde se nota que a agenda não servia somente para programar, mas também para registrar, lembrar ou eternizar a memória. Em meio a nomes de hinos, moldes de crochê, receitas e contas, é preciso ficar atento à riqueza dos detalhes que são contados a cada página folheada.

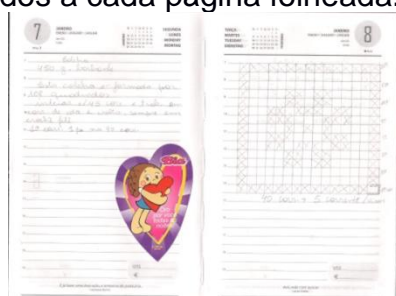


Figura 1 – Agenda 2008
Acervo Hisales

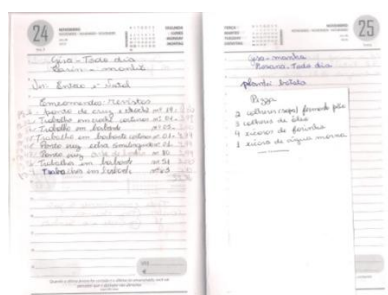


Figura 2 – Agenda 2008
Acervo Hisales

Cada uma das agendas tem as suas peculiaridades, também porque referem-se a períodos diferentes da vida de quem as escreveu. Como ressalta GOMES (2004, p. 18), quando se refere à escrita de si, “cabe observar que certas circunstâncias e momentos da história de vida de uma pessoa ou de um grupo estimulam essa prática.”

Na primeira das quatro agendas, datada do ano de 1999, eram anotados os cursos feitos (cabeleireiro e informática), e também registrava-se toda vez que uma mensalidade destes era paga.

Por ministrar o grupo de coral e a juventude da comunidade evangélica luterana (fortemente presente na tradição pomerana), anotava toda vez que tinha ensaio e quando se apresentavam descrevia os hinos cantados destacando várias observações. Na maioria das vezes que não comparecia a algum compromisso agendado, esclarecia o motivo, como podemos perceber na escrita “Não fui ao curso. Motivo preparação para o Natal.” Nesse caso, podemos inferir que ela prestava contas a si mesmo.

O impulso da escrita, às vezes, era apenas para dizer o que tinha feito no dia, como por exemplo: “Plantei flores”. Quando levava os filhos ao médico ou para fazer exames, sempre contava detalhes. Muitas vezes usava o verbo na 3ª pessoa do plural, como “plantamos”, “semeamos”, “ajudamos”, não desconsiderando o outro, ou seja, o contexto de produção da escrita era a família, por isso eles aparecem na escrita das atividades realizadas em conjunto.

Em determinada página a letra aparece tremida, podemos concluir que foi realizada em algum veículo em andamento. Isso é bem considerável, pois quer dizer que ela levava a agenda junto consigo para realizar a escrita.

Na agenda de 2003, o que mais se destaca são capítulos de novelas recortados de jornal e colados na agenda. Aparecem logo no começo dela, e mais de um capítulo é colado na mesma página. A maioria apresenta-se enumerada, mesmo estando todos em sequência. Com relação a isso, GOMES (2004) destaca como um ordenamento de registros é estabelecido para preservar a temporalidade.

A importância do domínio do tempo no ato de escrever sobre si estaria igualmente evidente em expedientes muito praticados para estabelecer uma “ordem da escrita”. Pode-se reconhecer tais expedientes em preocupações como a de numerar folhas e/ou páginas de um caderno de viagem ou de um diário (GOMES, 2004, p. 18).

Nesse caso, foram enumerados os capítulos da novela, para que uma “ordem” fosse estabelecida.

Na agenda de 2005, o registro das tarefas já realizadas (e não as que deveriam se feitas, conforme poderia estar em destaque por se tratar de uma agenda), aparecem com mais intensidade, como: “Lavei roupa”, “Busquei cana – milho – pasto”, “Busquei peças no Bruno Wolter. Fui na prefeitura registrei as terneiras da febre aftosa. De tarde curso família carinho. Botei ureia na pastagem cortei cabelo do Fabinho”, “Busquei pasto, fiz o arame, tirei as vacas da pastagem. De tarde fui para o centro. 1 corte cabelo R\$ 5,00”, dentre outros relatos em que também são anotados afazeres do dia, fatos que costumam ser vistos na escrita de diários e não em agendas.

Percebe-se que nas quatro agendas, sempre é mais descrito o trabalho exercido no meio rural, pois quando trabalhava como conselheira tutelar ou agente de saúde, o que relatava era “trabalhei o dia todo” ou “trabalhei de tarde”. Isso pode se dar pelo fato de que uma mulher de zona rural exerce diversos trabalhos, enquanto que o trabalho “urbano” já tem uma rotina pré-estabelecida. Porém, um fato interessante é que a palavra “trabalho” aparece com muito mais frequência quando se refere ao trabalho urbano, isso porque os afazeres domésticos e outros pequenos trabalhos realizados na rotina do campo pelas mulheres têm menos importância social.

Na agenda do ano de 2008, são contados detalhes de quando um de seus filhos quebra a perna. Nos relatos da agenda, registra o nome do médico e enfermeiros que atenderam, horário da cirurgia, número da sala e a recuperação, que é descrita com emoção: “Sentou pela primeira vez na poltrona...”, “caminhou com a muleta”, entre outros. Esses relatos também podem ser vistos na pesquisa de THIES (2008), na qual o agricultor que escreve diários também ressalta estes fatos minuciosos:

Aldo é atento a todos os fatos que acontecem pela primeira vez, como se fosse um rito de passagem no seu “arquivamento”: a 1ª visita na casa de Nair, a 1ª vez que colocava a aliança, a 1ª vez que vestiu a camiseta de seu time, a 1ª vez que pegou o filho nos braços, por exemplo. Sua maneira de dizer/escrever é uma maneira simbólica e de valor, como forma de referir a importância que o fato teve em sua vida pessoal (THIES, 2008, p. 100).

Esta emoção é percebida também na escrita de G. M. V., pois, como diz CUNHA (2017, p. 191), “ao arquivar sua vida o guardador imortaliza uma época e produz representações e marcas de si mesmo”.

4. CONCLUSÕES

É interessante notar que a escrita feita por G. M. V. não tinha um padrão, ela era definida a partir da situação vivida ou do desejo de escrever. Mas o que consideramos importante é que um suporte de escrita que seria utilizado para agendar, nesse caso apresenta também registros pessoais, ou seja, escritas ordinárias. Por isso, o que se trata aqui, não são agendas, e sim, diários. Pode-se pensar também no sentido que cada pessoa dá ao material que é o suporte de escrita, como uma agenda tendo a função de diário, ou um caderno sendo utilizado como agenda.

O conteúdo da escrita revela alguma diferença, dependendo dos contextos, sendo que no contexto rural os fatos referentes ao trabalho são mais detalhados do que no urbano, assim como fatos que apresentam uma importância pessoal.

Por fim, destaca-se a relevância que documentos como estes exercem para a afirmação de uma identidade e preservação da história das mulheres, dos pomeranos e “povos do campo”, que nos tempos atuais se tornam documentos de resistência.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CUNHA, M.T. S. O arquivo pessoal do professor catarinense Elpídio Barbosa (1909-1966): do traçado manual ao registro digital. Revista **História da Educação (Online)**, Porto Alegre, v. 21, n. 51, p. 187-206, jan./abr., 2017.
- GOMES, A. de C. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, A. de C., 1º ed., **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. 1º capítulo, p. 07-24.
- THIES, V. G. **Arando a terra, registrando a vida: os sentidos da escrita de diários na vida de dois agricultores**. 2008. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas.
- FABRE, Daniel (org.). **Écritures Ordinaires**. Paris Centre Georges Pompidou. Bibliothèque Publique d' Information, p.11-94, 1993.